

NA VOLTA A GENTE COMPRA: MOVIMENTOS DE MÃES E PAIS DEFENDEM ADIAR O USO DE *SMARTPHONES* POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES¹

Talita FIGUEIREDO²;

¹ GT 7 Estudos Críticos em Ciência da Informação

² PPGCI-IBICT/UFRJ, talitaf@hotmail.com

RESUMO

No período pandêmico, aspectos relevantes da vida de crianças e adolescentes, como acesso à escola, interações sociais e diversão, passaram a ser mediados por dispositivos conectados à internet por meio de aplicativos disponibilizados por grandes plataformas de tecnologia, como Google, Microsoft e Meta, cujo objetivo principal é o lucro, a partir do uso de sofisticadas técnicas de captura, armazenamento e análise de dados (ZUBOFF, 2020). O resultado foi um aumento do tempo de tela e a antecipação etária do primeiro acesso à internet para antes dos seis anos (CGI.br, 2023). Nesse sentido, mediar a avalanche informacional (e desinformacional) tornou-se tarefa ainda mais desafiadora.

Passado o período de emergência sanitária, grupos de mães e pais em diferentes países passaram a se mobilizar, paradoxalmente também mediados pela tecnologia, para defender a postergação do uso do *smartphone* por seus filhos e filhas, já que controlar tempo e conteúdo depois que a criança ganha seu próprio celular – um dispositivo portátil e ubíquo - é tarefa laboriosa (FIGUEIREDO, 2021). Movimentos como o norte americano *Wait Until 8th* (Espere até o 8º ano, tradução nossa), o britânico *Smartphone Free Childhood* (Infância livre de Celular), o catalão *Adolescência sense mòbil* (Adolescência sem celular, tradução nossa) e o brasileiro Movimento Desconecta são exemplos de iniciativas que surgiram a partir dos grupos de WhatsApp em que os responsáveis buscam se amparar na decisão de postergar para depois dos 13, 14 e até 16 anos a entrega do primeiro *smartphone*. A ideia é que, juntos, mães e pais fujam da pressão social e da mesma frase, dita em diversas línguas: "todo mundo tem, menos eu".

Os grupos descrevem suas motivações com base em alertas feitos por estudos médicos de diversas áreas (EISENSTEIN, 2023; CRISPIM et al, 2022; MURTHY, 2023), bem como de organismos internacionais (UNESCO, 2023), que apontam que uso precoce e excessivo é potencialmente prejudicial para a saúde mental, a educação e a socialização das crianças. Uma das maiores preocupações de especialistas e responsáveis diz respeito ao fato de que parte relevante do uso da internet está voltado para o deslizar dos dedos na infinita barra de rolagens das redes sociais, ambiente descrito pelas próprias plataformas como de uso recomendado para maiores de 13 anos. A preservação da infância é também preconizada pelos pais e mães que advogam pela postergação da entrega do primeiro celular numa espécie de acordo coletivo.

Parte de uma pesquisa de doutoramento em andamento, este é trabalho exploratório tem por objetivo mapear algumas estratégias usadas por responsáveis para mediar o uso do *smartphone* por seus filhos. Abordamos aqui a ação mediadora como apresenta Gomes (2020), associada à mediação consciente e imbuída de suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política. Esta mediação é conduzida de mãos dadas à competência crítica em informação, direcionada à emancipação social, colocando-se como um dos possíveis caminhos para a práxis transformadora (Bezerra, 2019). Dessa forma, almeja-se que a criança ganhe, de forma paulatina, as competências (críticas) necessárias para fazer uso ético, seguro e saudável das tecnologias de informação e comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bezerra, Arthur C. Teoria Crítica da Informação: proposta teórico-metodológica de integração entre os conceitos de regime de informação e competência crítica em informação. In: Bezerra, A., Schneider, M., Pimenta, R., Saldanha, G.S. **IkRITIKA: Estudos críticos em informação**. Garamond, 2019.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET (CGI); CETIC.br Cetic.br. TIC Kids Online Brasil 2023. Principais Resultados. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_kids_online_brasil_2023_principais_resultados.pdf

CRISPIM, Eduarda Serafim et al. O uso excessivo de telas por crianças pós covid-19: impactos psicológicos e do desenvolvimento infantil. **Estudos Avançados Sobre Saúde e Natureza**, v.5, 2022. <https://doi.org/10.51249/easn05.2022.83>

EISENSTEIN, Evelyn. Crianças, adolescentes e a era digital: benefícios e riscos. **Revista Acadêmica Licencia&acturas**, Ivoti, RS, v. 11, n. 1, p. 7–14, 2023. DOI: 10.55602/rlic.v11i1.283 . Disponível em: <https://ws2.institutoivoti.com.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/283>.

FIGUEIREDO, Talita. Meu primeiro celular: competência crítica em informação para crianças. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

GOMES, H. F. (2020). Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & Sociedade**, 30(4), 1–23. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1809-4783.2020v30n4.57047>

MURTHY, Vivek. Social Media and Youth Mental Health: The U.S. Surgeon General’s Advisory. **US Department of Health and Human Services**. 2023. Disponível em: <https://www.hhs.gov/sites/default/files/sg-youth-mental-health-social-media-advisory.pdf>

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano da nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

UNESCO. Relatório de monitoramento global da educação, resumo, 2023: a tecnologia na educação: uma ferramenta a serviço de quem? Paris: UNESCO, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.54676/CUYC7902>.